

# O bosque de leite

Marcelo Coelho

*Folha de S.Paulo, Ilustríssima*, 15.10.2014.

## **No centenário do poeta galês Dylan Thomas, sua peça mais famosa pode ser vista em DVD.**

No dia em que completava trinta anos, o poeta Dylan Thomas ouviu "o aceno da manhã em suas orações de água". Estava chovendo naquela aldeia de pescadores do País de Gales.

"Levantei-me", diz ele no seu "Poema em Outubro", "e perambulei sem rumo no aguaceiro de todos os meus dias". Foi subindo a estrada que leva até uma colina.

O tempo vira, e ele reencontra "o prodígio do verão", com as "parábolas do sol" e as "lendas das capelas verdes". Serão as copas das árvores essas capelas? Em outro poema, Dylan Thomas fala das corujas que, no amanhecer, recolhem-se às capelas dos carvalhos.

Não importa. Aos trinta anos, o poeta reencontra os bosques, o rio e o mar em que um menino, "durante o verão acolhedor dos mortos", "sussurrava a verdade de seu júbilo às árvores e às pedras e aos peixes na maré".

Neste mês de outubro, comemora-se o centenário de nascimento de Dylan Thomas (1914-1953). Está esgotado o volume de seus "Poemas Reunidos", em tradução de Ivan Junqueira (ed. José Olympio), que cito com alterações neste artigo.

Mas lançaram, não faz muito tempo, o DVD "Sob o Bosque de Leite", baseado na obra mais popular de Thomas, uma peça radiofônica que ele escreveu pouco antes de morrer.

Com Peter O'Toole, Richard Burton e Elizabeth Taylor, o filme de Andrew Sinclair foi feito em 1972 e tem os defeitos típicos dos "filmes de arte" daquela época. Cenas meio surrealistas e personagens grotescos vão e vêm, como se o diretor quisesse mostrar que a falta de gosto não se deu por descuido, mas por deliberação programática.

A beleza dos versos de Dylan Thomas se impõe, todavia, sobre os personagens mais incômodos (e é preciso reconhecer que passagens de humor bizarro e popularesco já constavam do próprio texto do poeta).

Em "Under Milk Wood", ou "Sob o Bosque de Leite", Dylan Thomas retrata um dia de primavera numa cidadezinha costeira, fazendo intervir as vozes de seus diversos habitantes: a dona da loja de doces, o padeiro, o doido, o açougueiro, a dona da pensão.

A peça inscreve-se na tradição "democrática", por assim dizer, de Thornton Wilder (1897-1975, autor de "Nossa Cidade", de 1938), de Edgar Lee Masters (1868-1950, cuja "Spoon River Anthology", de 1915, é uma série de epitáfios imaginários de pessoas comuns), e sobretudo de Walt Whitman (1819-1892).

Como ocorre em Whitman, "Sob o Bosque de Leite" traz longas enumerações poéticas, catálogos de encantamentos, listas em que tudo pode ser incluído.

Qualquer bicho foi admitido na arca de Noé, e a própria criação divina foi bem pouco seletiva; se não era democrático, Deus sem dúvida apreciava as grandes massas.

"Escutai: clarineio este lugar,/ desde os peixes até a colina voadora", exclama Dylan Thomas na primeira página de seus "Poemas Reunidos". Ele convoca o universo inteiro e dá o sinal da partida, como Noé, para uma "multidão de arcas".

No começo de "Sob o Bosque de Leite", ninguém acordou ainda na cidadezinha. É noite, noite sem lua, "preto-Bíblia", sobre o "barcoscilante mar" ("fishboat-bobbing sea").

Traduzir Dylan Thomas é complicado; seus poemas recorrem a muitos adjetivos desse gênero, na tradição homérica. Também se prevalecem da facilidade que há no inglês para criar verbos a partir de qualquer substantivo. Uma igreja pode "hinar" (de "hino"), e uma coleção de relógios "tica" e "taca" o tempo, "em cataratas", na cozinha de um morador louco do lugar.

Há muitos outros personagens. Cito Polly Garter, mulher sem eira nem beira vivendo pelas margens do rio, que teve filhos com não se sabe quantos homens da aldeia. Carrega um bebê no colo e conversa com ele: "pobre coisinha feita de leite. Deve estar pensando: Você não tem como ser melhor do que é, Polly, e isso é bom o bastante para mim".

Não há muitas crianças na peça de Dylan Thomas, talvez porque a criança seja ele mesmo, notando nos homens mais esquisitices e fraquezas do que real maldade e estupidez. Como a famosa mãe do psicólogo Winnicott, Polly Garter é suficientemente boa, e isso basta para a humanidade inteira.

Mas a primeira figura a emergir daquela noite cerrada, em que nada podemos ver, é um velho capitão de navio cego (Peter O'Toole, no filme de Andrew Sinclair), que sonha com seus companheiros mortos no mar. O último deles pergunta: "Como está tudo aí em cima?"

Respondo com uma notícia suficientemente boa: Dylan Thomas fez cem anos.